

# Espaço Entre - um experimento interdisciplinar a partir da música

*Jacqueline Sasano\**

Universidade Estadual de Londrina  
*bambu@sercomtel.com.br*

*Renata Mariano Landgraf\**

Universidade Estadual de Londrina  
*remlandgraf@hotmail.com*

*Ramon Maciel Romano\**

Universidade Estadual de Londrina  
*rmromano\_10@hotmail.com*

*Prof<sup>a</sup> Lúcia Toshiko Sumigawa\*\**

Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Kazuco Ohara  
*luciasumigawa@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo apresenta a proposta de um projeto que se encontra em desenvolvimento no PIBID do Curso de Música da Universidade Estadual de Londrina. Reúne seis bolsistas numa ação denominada “Espaço Entre”, a qual propõe criar um espaço-tempo no ambiente escolar onde a música seja percebida e vivida como expressão artística e cultural, livre e consciente. A investigação se dará no sentido de verificar em que medida esse espaço é capaz de mobilizar alunos, professores, funcionários e equipe gestora, a pensar e a realizar a interdisciplinaridade a partir do encontro com a música. A criação deste espaço está intimamente ligada com os pressupostos pedagógicos que entende o aluno como protagonista na construção do seu conhecimento, cabendo ao educador criar territórios de afetos, de encontros. Coloca o conceito de infância como experiência, e busca trabalhar o lúdico e o artístico como linguagens a serem experienciadas durante o espaço-tempo do recreio.

**Palavras chave:** postura pedagógica; encontro; interdisciplinaridade.

## Introdução

O presente artigo apresenta o projeto de um grupo de seis bolsistas<sup>1</sup> do curso de licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina, participantes do PIBID. De acordo com a proposta institucional do Programa, apresentada pelo Curso de Música e

---

\* Graduandos em Música – Licenciatura, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsistas do PIBID (Programa Institucional Brasileiro de Iniciação à Docência) - Subprojeto Música da UEL, 2014.

\*\* Supervisora do PIBID – Música/UEL e Prof<sup>a</sup> de Arte na Escola Estadual Professora Kazuco Ohara.

<sup>1</sup>Allice Tirolla, Amanda Possette, Jacqueline Sasano Arruda Mendonça, Mariana Franco Estigarribia, Ramon Maciel Romano e Renata Mariano Landgraf, sob a supervisão da professora bolsista que ministra a disciplina de Arte, Lúcia Toshiko Sumigawa. A coordenação do subprojeto-música é da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magali Kleber, a coordenação institucional é do professor Dr. Carlos Albertuni. O projeto está sendo desenvolvido na Escola Estadual Professora Kazuco Ohara, na cidade de Londrina – PR.

aprovada na CAPES no edital de 2013, os motivos para uma proposta integradora deve levar em conta:

o caráter heterogêneo do Curso de licenciatura em Música da UEL no que se refere ao perfil dos alunos que vem compondo o curso, a heterogeneidade da cultura escolar, a elaboração de uma proposta para o PIBID deverá necessariamente contemplar essa pluralidade, abrindo espaço para uma construção aberta, não diretiva e que possibilite uma ação interativa entre todos os participantes envolvidos e entendidos como protagonistas. Trata-se de uma visão de rede policêntrica e movediça. (KLEBER, 2013)

Sendo assim, o grupo iniciou o processo de observação do ambiente escolar no primeiro semestre de 2014, e discutiu sobre os lugares possíveis para atuar. Um dos momentos importantes dessa etapa foi a visita a uma sala ociosa nos dois períodos letivos. O grupo refletiu sobre essa condição e propôs um projeto para a sala que não ficasse restrito apenas ao espaço e horários das aulas previstas no currículo, uma vez que o estágio em música já vinha ocupando essa função.

Como bolsistas do PIBID e sempre com a supervisão da professora de Arte, pudemos compartilhar a proposta com a equipe docente e gestora da escola. Para se compreender as possibilidades e limitações que envolvem as escolas públicas a leitura das Diretrizes Curriculares Estaduais de Arte para a Educação Básica foi sugerido pela supervisora do PIBID. E tendo como referência o Projeto Político Pedagógico da Escola, a partir da “Concepção de Cidadania”, destacamos que a escola entende educação como um recurso da sociedade para que esse aluno tenha condições críticas para se tornar um cidadão ativo e consciente de sua realidade, capaz de realizar transformações. E ainda aconselha para um tipo de formação mais humanizada e humanizadora, tanto para o professor quanto para o aluno:

A inquietude do profissional da educação deve estar presente na prática pedagógica do professor, ou seja, ele deve estar refletindo sobre sua prática constantemente e buscando alternativas diferenciadas de formação. Uma das coisas que os professores precisam entender é que as formas de formação, punição e relacionamento; praticadas tradicionalmente não cabem mais no contexto atual. Outra crença que precisa ser extinguida (sic) é a de que quanto mais rude e punitiva for a escola, maior será o aprendizado dos alunos. (PPP, 2011, p. 25)

A proposta surgiu para o grupo como um *insight*: fazer com que a sala ociosa se transforme num ponto de irradiação estético-musical, onde as atividades musicais cheguem aos alunos de uma forma diferente, consciente e sem imposição. A ideia é que os alunos

sejam participantes ativos na construção desse espaço e que subprojetos nasçam da interação do aluno com os recursos ali disponíveis: instrumentos musicais, livros, partituras, vídeos, entre outros.

A Educação Básica no Brasil, tem apresentado em seus documentos institucionais a possibilidade de flexibilizar os arranjos curriculares. No Ensino Fundamental I, os Temas Transversais compreendem seis áreas: Ética, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural. E para o Ensino Fundamental II, inclui-se também o tema: Trabalho e Consumo. No Ensino Médio incluem-se quatro dimensões: Tecnologia, Trabalho, Cultura e Ciência. (BRASIL, 2013); (PARANÁ, 2013).

Esses temas e essas novas dimensões podem aproximar os conteúdos programáticos, ao cotidiano dos alunos, e possibilita pensar um currículo aberto onde as disciplinas se comuniquem. Essa seria, portanto, a base para se trabalhar a interdisciplinaridade. Mas por que é tão difícil pensar a interdisciplinaridade? Segundo o artigo recentemente apresentado no Encontro Nacional de Pesquisa e Educação em Ciências - ENPEC:

As dificuldades encontradas pelos professores na construção de um trabalho interdisciplinar são apontadas por alguns estudiosos na literatura (...) Dentre elas destacamos: Formação muito específica e fragmentada do educador; (...) organização do currículo; ausência de espaço e de tempo nas instituições para refletir, avaliar e implantar inovações. (CARDOSO; WALVY; GOLDBACH, 2011, p. 3)

Acreditamos que o ensino da música, sendo obrigatório na rede pública, pode contribuir para potencializar, instigar ou até facilitar as práticas interdisciplinares. Embora a música possa ser uma disciplina com conteúdos formais que podem ser facilmente fracionados em unidades no correr de 2 ou 4 anos; percebemos que a música na escola é muito mais do que a musicologia ou a ciência da música podem abarcar: ela é tecnologia, é manifestação cultural, ela é trabalho e, acima de tudo, uma expressão artística.

Porém, de que forma a música pode contribuir para que a interdisciplinaridade seja de fato efetiva, sem se prender nas grades de uma rigidez disciplinar?

## Revisão Bibliográfica

Se pusermo-nos a pensar a existência de um espaço da música, chegaremos a conclusão que topologicamente e virtualmente ela se encontra num espaço múltiplo. Onde se ouve música, onde se aprende música, onde se vive música, é sempre uma combinação de

variáveis: em casa, no rádio e no conservatório; outra combinação pode ser: universidade, celular e carro. Ouvir, viver e aprender música supõe uma atividade dispersa na vida cotidiana. Uma relação tão ampla, com possíveis encontros, que não é tão simples abarcá-la numa sala de aula. Essa é uma das grandes dificuldades quando pensamos sobre aulas de música nas escolas, inclusive em relação às práticas pedagógicas, que também são diversas:

Com todas as possibilidades de ação e atividade pedagógica, com toda a complexidade de espaços e contextos sócio-educacionais, com infinidade de culturas musicais que podem ser contempladas, fica a pergunta: há alguma possibilidade de se concretizar a *melhor educação musical possível*, para todos os interessados? (COSTA, 2012, p. 93)

O “pluralismo” pedagógico em música já dificulta pensarmos um currículo unificado. Porém, no seu trabalho de dissertação de mestrado, Costa (2012), ao contrário, acredita que um currículo flexível viria legitimar esse mesmo sistema que compartimenta os saberes em disciplinas. Segundo ele, a lógica neoliberal que rege o sistema capitalista incorporou o modelo de flexibilização das competências. E um modelo outro que dá certa autonomia ao aluno, buscando atender aos seus interesses, não favorece um conhecimento musical amplo, que de fato seria, somente, se fosse obrigatório num currículo.

Pensando a favor de Costa (2012), talvez com um currículo unificado se evite a semi-formação criticada por Adorno e Horkheimer, pois as informações geradas pela Indústria Cultural, não dão chance de nutrir em amplitude ou profundidade, um repertório diversificado de interesses. Restaria ao aluno a reprodução dos bens culturais de consumo sempre reconhecíveis, e sempre o mesmo na superficialidade do “novo” se desenhando periodicamente nos meios de comunicação de massa. De fato, a indústria da imagem e dos modos de vida, afunilam os modelos, e se não cuidarmos da infância, o adolescente logo se guiará pelos padrões existentes.

O poder que hoje chamamos de controle da subjetividade promove o esquecimento daquilo que há de singular em nós, em nossos desejos e maneiras de viver. E a partir desse esquecimento de si, o controle instala em nós o ser-massa. (HARA, 2012, p.10)

A crítica ao capitalismo é necessária, porém, de fato, não é a educação musical que carece ou deva sistematizar um currículo crítico para sua práxis pedagógica e a partir de então, fazer nascer um “momento revolucionário” como sugere Costa (2012). Devemos talvez minar a subordinação aos modos de subjetivação do capitalismo, todo o sistema escolar

público. Porém, quando vemos o aluno ou o professor como um cidadão de direitos, já se vislumbra nesse discurso a definição de um projeto de sociedade, de um povo, e de um modelo de subjetividade. É o que fazemos com as crianças desde a tenra idade, agora obrigatoriamente inserida na vida escolar aos 4 anos de idade.

Empurrar a criança para a socialização é dar-lhe o formato de cidadão, o direito de viver entre os pares e de ter sua proteção assegurada. A escola, assim como a família, a igreja, o quartel, o hospital, acolhem, amparam na mesma medida que corrigem e moldam os desviantes potenciais. O aparelho disciplinar dociliza e produz o corpo, constrói-lhe novo mobiliário, cria paladares, recorta o tempo, esquadrinha o deslocamento, define papéis, e vigia. (ABRAMOWICZ, 2009, p. 8)

Pensar uma nova educação é pensar uma postura pedagógica que não sujeita crianças às leis de uma hegemonia do capital e de uma disciplina que promove o progressivo esquecimento de si. É preciso repensar um espaço-tempo escolar onde o aluno não caminhe em direção somente a um posto no mercado de trabalho ou a uma vaga no ensino superior. A experiência escolar pode proporcionar a experiência da infância, este momento da vida em que a criança está disponível para aprender linguagens. A experiência da infância nesse sentido, “vincula-se à arte, à inventividade, ao intempestivo, ao ocasional, vinculando-se, portanto, a uma des-idade.” (ABRAMOWICZ, 2009). Por que crianças do 5º, 6º, 7º e 8º anos não brincam mais no intervalo? A todo momento dizemos aos nossos alunos: “Você não é mais uma criança”. Guiamos todos para o mundo dos adultos sem nem ao menos abrir um espaço para que se reconheçam únicas, criativas e expressivas.

A regra universal, ao pretender englobar a totalidade dos indivíduos, comprometendo-os com a obediência, simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir. (MANSANO, 2009, p 114)

Quando Mansano (2009) analisa historicamente o conceito de subjetivação e seus modos na crítica de Foucault, Deleuze e Guattari, ela se pergunta e nos pergunta: “quais modos de vida precisam ser abandonados e quais outros pedem passagem em nossos dias?”.

Há todo um empreendimento que busca nos convencer dos perigos presentes nas tentativas de romper com os valores capitalistas de referência, como se eles garantissem algum tipo de segurança ou ordem. A recusa, assinalada por Guattari, envolve uma aproximação da dimensão desejante da vida, para que, conectados a ela, possamos inventar novas maneiras de experimentar e perceber os encontros. (MANSANO, 2009, p. 112)

Por isso, acreditamos ser importante e necessário, a escola possuir um espaço que promova encontros felizes e livres. O exercício da escolha, do escutar-se, do caminhar em direção a dimensão desejante da vida, de um processo de subjetivação que resista às formas disciplinadoras de sujeição da vontade. Este processo ocorre a todo momento no encontro do corpo do sujeito com os elementos mediadores (no sentido vigotskiniano), que não são senão os corpos lingüísticos, tecnológicos, físicos; elementos variados para compor singularidades (PEREIRA, 2012).

Até agora, buscamos reconhecer o espaço onde o sujeito pedagógico está inserido e de como ele deve participar obedientemente para ocorrer o aprendizado necessário. Porém, há experiências muito mais interessantes fora da sala de aula, na rua, nas redes sociais virtuais. E em que momento essas experiências acontecem? Adolescentes vão para a escola e não conseguem um momento pra conversar com o amigo, falar do que lhe interessa. Existe a hora do “recreio”. Na escola onde o grupo de bolsistas atua, foi observado que durante o intervalo acontece o *footing*, grupos de meninas e de meninos transitam ao redor das edificações por três, quatro vezes, realizando o encontro dos olhares nas passagens. Corpos em trânsito, grávidos de experiências.

A escola deveria em seus projetos, dar oportunidade para os alunos falarem eles mesmos, seus sentimentos, trocarem idéias, conviverem com as diferenças, com o conflito. Precisaria reservar mais tempo para atividades de socialização. (CARVALHO, 2003)

A pesquisa realizada por Carvalho (2003) detectou no período da noite numa escola do Rio de Janeiro, um grande desprazer dos alunos em assistir aulas e em responder enormes questionários. Realizando sua pesquisa por meio de entrevistas e análise do ambiente escolar físico e pedagógico, Carvalho (2003) chegou a conclusões que ainda hoje são imperativas: a necessidade de a escola pensar em conjunto: direção, funcionários, professores e alunos; um projeto pedagógico que visa a construção conjunta de conhecimentos. E a saída metodológica para isso seria o trabalho interdisciplinar, com a progressiva eliminação das barreiras entre as disciplinas, para que enfim os conteúdos façam sentido, tanto para os alunos quanto para os professores.

Um projeto realizado na cidade de São Paulo, em quatro turmas do 5º e 6º anos em 2010, partiu de um experimento interdisciplinar na área de dança. A proposta musical foi definida junto às disciplinas de Inglês e História, e ficou a cargo de cada turma escolher a

música para ser coreografada. O professor de dança, autor do projeto, afirma na sua avaliação que o saber percorreu o caminho, primeiramente disciplinar, conteudístico e depois caminhou para o interdisciplinar em favor de uma dimensão poética, de uma linguagem artística para finalmente subverter os paradigmas em uma educação plena e estética (SOUZA, 2012).

Sua avaliação foi no sentido de reaplicabilidade da proposta em escolas públicas. Sua constatação segue nos seguintes termos: duas áreas podem tornar efetivas, propostas interdisciplinares semelhantes. A primeira que, em posse de linguagens poéticas, subverte as convenções, desestabiliza o tempo e o espaço. E uma segunda área que é provocada e chamada a assumir prioridades com relação a uma atividade-fim em demérito das burocráticas. A primeira é a Arte e a segunda é a Equipe Gestora (SOUZA, 2012).

## **Espaço Entre : Conceito e Metodologia**

Acreditamos que nosso projeto caminha na direção desse olhar atento aos problemas de desinteresse e indisciplina dos alunos, do desgaste psíquico dos professores, da responsabilidade da equipe de direção sobre um coletivo que não pode se dispersar. E ao mesmo tempo nosso projeto se abre na proposição do fazer diferente, atuar nas brechas das questões problemáticas. Conforme o projeto proposto, a sala que se encontra disponível na Escola será ativada durante os quinze minutos do intervalo da manhã. Nesse período a escola atende 8 turmas do 8º e 9º anos, totalizando aproximadamente 280 alunos com idades entre 12 a 16 anos.

Nessa sala, denominada ESPAÇO ENTRE, pretendemos criar uma atmosfera diferenciada, um lugar para aprender, no entanto, muito além de uma sala de aula convencional. Para isso, pensamos estruturá-la com vários materiais sobre arte, da maneira mais ampla possível: instrumentos musicais, partituras, revistas, livros, quadros, fotos, vídeos. A sala deve promover a simultaneidade de eventos, para que diante do diverso e do diferente ou do já conhecido, o aluno possa se “conectar a”, se “relacionar com” ou se “inteirar sobre”: determinado assunto, objeto, obra de arte ou o que quer que tenha lhe chamado a atenção. Porém, é preciso frisar que, a configuração de um espaço alternativo de aprendizado, neste contexto do projeto, só se realizará levando-se em conta a dimensão do educador com a sua necessária postura pedagógica.

É no espaço entre as pessoas ou entre os objetos ou entre os saberes, que o aluno pode se tornar um interator do seu aprendizado, um aprendizado para a sua vida. Ao educador

cabe criar territórios de afetos, de encontros. Disponibilizar possíveis trajetos de subjetivação a partir dos estímulos da sensibilidade, de práticas musicais informais, da leitura de poemas, no jogo rítmico do corpo, etc. A denominação do “entre” também configura um espaço-tempo: o intervalo ou a hora do recreio ocorre entre os blocos de aula, e é nesse espaço-tempo sem uma disciplina formal, com direito ao lúdico e ao artístico, é que pensamos poder ocorrer o encontro entre todas as disciplinas.

A aprendizagem como encontro, para Deleuze, não é o encontro com pessoas, apesar de que encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades (Deleuze; Parnet, 1998, p. 11). Ao que parece, tudo isso fica subentendido como relações sociais na psicologia concreta de Vygotsky, mencionado por ele como “o social ao quadrado”. (MOSTAFA, 2008, p. 79)

O nome do espaço também sugere um convite: ENTRE. Na primeira etapa o convite se fará pelo fato de ser a única sala com a porta aberta na hora do intervalo. Também nessa etapa, os instrumentos musicais, partituras, aparelhos de CD, livros de poesia, de pinturas, de fotos, de mapas sobre a cidade, vídeos; estarão à disposição para a livre exploração de quem se aventurar pela sala. Não haverá propaganda, é o interesse do aluno que o guiará para o ESPAÇO ENTRE.

Antes de iniciarmos as atividades aplicaremos um questionário semi-estruturado em todas as salas. E conforme a assiduidade do aluno no ENTRE, ele pode ser abordado no sentido de relembra-lo das respostas ao questionário, no intuito de fazê-lo dobrar sobre si, de se ouvir, desenhar reflexões sobre suas opiniões, ações ou sentimentos. Num segundo momento, atividades direcionadas a um grupo maior de interesses semelhantes, serão inseridas no ENTRE, podendo agregar novos curiosos e extrapolar a sala em direção aos espaços livres da escola.

Pretendemos até o final do ano, realizar atividades de performance, leituras ou apreciação musicais, conectadas a outras disciplinas. Verificaremos o interesse de cada aluno, as várias direções por onde o corpo desejante se move, tentando identificar o individual no coletivo e trabalhar o coletivo visando sempre a direção individual, singular emergida dos encontros com a alteridade. Acreditamos que o ESPAÇO ENTRE pode favorecer a disposição dos alunos e professores da escola a perceberem a potencialidade interdisciplinar de um espaço de sensibilização estética a partir da música. Podendo ser o lugar da Arte irradiando e direcionando bases para um currículo aberto para a interdisciplinaridade.



## Avaliação

Todo experimento é uma investigação. A princípio, o questionário nos dará uma avaliação diagnóstica. A partir dele vamos colher respostas subjetivas sobre a sensação de pertencimento com relação a escola, a área de interesse na escola e fora dela (no “tempo livre”) e saber um pouco da experiência musical e opinião sobre aulas de música.

Este questionário também retornará a ele, no sentido de refletir sobre si, suas próprias opiniões e possíveis mudanças do pensar, do sentir, do fazer. Faremos uso do recurso da narrativa mediadora,

que leva em consideração a escuta e a fala de si e do outro. Desse movimento, novas histórias nascem e novas percepções sobre o vivido são redimensionadas (...) (a narrativa mediadora) parte da ideia da narração como o espaço do encontro, a diversidade como ampliação de pontos de vistas e experiências, fluindo para a mediação como um espaço de múltiplas conexões. (MARTINS, 2012, p. 6)

Alunos, professores, equipe pedagógica, funcionários e bolsistas, dentro de um contexto de criatividade e sensibilização estética a partir da música, podem integrar saberes e a partir deles conseguir pensar a si e seu mundo e indicar mudanças na perspectiva do aprender.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane C. **Infâncias em Educação Infantil**. Pro-Posições vol.20 no.3 Campinas Sept./Dec. 2009 (disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

CARDOSO, Juliana da S.; WALVY, O. W. de Castro; GOLDBACH Tânia. **Obstáculos encontrados por professores para o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares em uma escola técnica da rede estadual de ensino médio no município de São Gonçalo/RJ**. In: anais do VIII ENPEC – Universidade Estadual de Campinas. 2011. Disponível em <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0604-1.pdf>

CARVALHO, Rita Nogueira de Rezende. **Como desenvolver o prazer na relação aprender/ensinar, em turmas de 5ª a 8ª séries regulares do curso noturno?** Rio de Janeiro, 2003. 54f. Monografia (“Lato Sensu” em Supervisão Escolar) Curso de Pós-Graduação, Universidade Cândido Mendes. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/5/RITA%20NOGUEIRA%20DE%20REZENDE%20CARVALHO.pdf>

COSTA, Yuri Coutinho Ismael da. **Educação Musical, Marxismo e o Conflito entre Reprodução e a Superação do Capital**. João Pessoa, 2012. 137f. Tese (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba.

HARA, Tony. **Ensaio Sobre a Singularidade**. São Paulo: Intermeios; Londrina: Kan Editora. 2012.

KLEBER, Magali. **Projeto do PIBID do curso de Licenciatura em Música da UEL**. Londrina, 2013.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009. (págs.110 a 117)

MARTINS, Mirian Celeste. **Narrativas Mediadoras: Trilhas [Re]Vidas Para Expandir Conceitos**. In: Arte/Educação: Corpos em Trânsito: XXII CONFAEB, 2012, São Paulo. Arte/Educação: Corpos em Trânsito: anais do XXII CONFAEB. São Paulo: UNESP, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Vygostky e Deleuze. Um diálogo Possível**. São Paulo: Alínea, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno III**: o currículo do ensino médio, seu sujeito e o desafio da formação humana integral. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores : Carlos Artexes Simões, Monica Ribeiro da Silva]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 49p.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. Estética da Existência e Cidade: Anotações para o debate. **Ensaio de Geografia**, Niterói – RJ, v.2, n.1, p.7-31, 2012. Disponível em: <http://www.ensaios-posgeo.uff.br/index.php/EG/article/view/19>

PPP - **Projeto Político Pedagógico** da Escola Estadual Professora Kazuco Ohara. Londrina – 2011.

SOUZA, Luiz Pereira de. **Projetos Interdisciplinares como Potência de uma Educação Estética**. In: Arte/Educação: Corpos em Trânsito: XXII CONFAEB, 2012, São Paulo. Arte/Educação: Corpos em Trânsito: anais do XXII CONFAEB. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: [http://www.researchgate.net/publication/255906512\\_PROJETOS\\_INTERDISCIPLINARES\\_COMO\\_POTNCIA\\_DE\\_UMA\\_EDUCAO\\_ESTTICA](http://www.researchgate.net/publication/255906512_PROJETOS_INTERDISCIPLINARES_COMO_POTNCIA_DE_UMA_EDUCAO_ESTTICA)